

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

DINEIDE SOUSA DOS SANTOS

**A RELAÇÃO AFETIVA EDUCATIVA ENTRE O PROFESSOR E O ALUNO COMO
ARTIFÍCIO FACILITADOR DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM,
DIÁLOGOS A PARTIR DE HENRY WALLON**

São Leopoldo

2015

DINEIDE SOUSA DOS SANTOS

**A RELAÇÃO AFETIVA EDUCATIVA ENTRE O PROFESSOR E O ALUNO COMO
ARTIFÍCIO FACILITADOR DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM,
DIÁLOGOS A PARTIR DE HENRY WALLON**

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia Prática
Linha de Pesquisa: Dimensões do
Cuidado e Práticas Sociais

Orientador: Iuri Andréas Reblin

São Leopoldo

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S237r Santos, Dineide Sousa dos
A relação afetiva educativa entre o professor e o aluno como artifício facilitador do processo de ensino e aprendizagem, diálogos a partir de Henry Wallon / Dineide Sousa dos Santos ; orientador Iuri Andréas Reblin. – São Leopoldo : EST/PPG, 2015.
64 p. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2015.

1. Educação afetiva. 2. Professores e alunos. 3. Afeto (Psicologia). 4. Educação – Finalidade e objetivos. 5. Educação de crianças. I. Reblin, Iuri Andréas. II. Título.

DINEIDE SOUSA DOS SANTOS

**A RELAÇÃO AFETIVA EDUCATIVA ENTRE O PROFESSOR E O ALUNO COMO
ARTIFÍCIO FACILITADOR DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM,
DIÁLOGOS A PARTIR DE HENRY WALLON**

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia Prática
Linha de Pesquisa: Dimensões do
Cuidado e Práticas Sociais

Data de Aprovação: 25 de junho de 2015

Iuri Andréas Reblin – Doutor em Teologia – Faculdades EST

Remí Klein – Doutor em Teologia – Faculdades EST

*Dedico graciosamente esta conquista a
Deus por ter me dado a oportunidade e a
sabedoria para vencer mais esta etapa de
estudo em minha vida.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus,
por ser a base desta conquista, deste sonho realizado
e por estar sempre ao meu lado, dando-me sabedoria e força
para vencer os desafios da vida;
Ao meu marido, Augusto César,
pelo incentivo no decorrer de minha vida e nas minhas decisões;
Aos meus filhos, Bruno César e Caio Vinícius,
pela compreensão no período que estive ausente de casa
para o outro lado do país em busca desta conquista;
À minha mãe e aos meus irmãos,
pelas orações pedindo proteção sempre que eu precisei viajar;
Aos meus amigos, que me apoiaram
e me incentivaram perante os desafios encontrados,
em especial, Izabelle Lopes, Jociléia Bezerra, Aramis Brito, Ruy Guilherme e
Simone Pereira por todos os momentos juntos;
À professora e psicóloga Margareth Muniz,
por ser a precursora do mestrado em minha vida;
Ao professor Dr. Iuri Andréas Reblin,
pelas orientações prestadas na elaboração deste;
A todos os professores que passaram pelo curso transmitindo confiança,
conhecimento e experiências para a minha vida profissional e pessoal.

O indivíduo é social não como resultado de circunstâncias externas, mas em virtude de uma necessidade interna.

Henry Wallon

RESUMO

A relação afetiva educativa entre o professor e o aluno como artifício facilitador do processo de ensino e aprendizagem, sob a concepção do teórico, psicólogo e médico Henry Wallon. A afetividade corresponde a um período mais tardio na evolução da criança e, a partir do surgimento dos elementos simbólicos, ocorre a transformação das emoções em sentimentos. Nesse sentido, a afetividade aparece como elemento fundamental na relação humana e na escola e, com os colegas e com o professor, não pode ser diferente, pois ambos estão diretamente envolvidos nesse processo. Wallon destaca que a afetividade é central na construção do conhecimento e da pessoa. Ela é um dos principais elementos da inteligência que pode ajudar no desenvolvimento do aluno. É necessário que o professor trabalhe a afetividade, a socialização, as relações emocionais e os aspectos psicomotores de uma maneira lúdica, visando resgatar a autoestima e despertar o interesse da criança em aprender e proporcionar condições para que todos os envolvidos no processo sejam capazes de possuir autonomia frente ao conhecimento construído socialmente. É preciso que o professor saiba ouvir o aluno e que a escola também busque inovações em suas propostas pedagógicas com o objetivo de se adequar às necessidades deste, uma vez que a escola representa sempre um lugar de socialização, com objetivo de preparar o indivíduo para a vida em permanente processo de construção.

Palavras-chave: Afetividade. Professor e aluno. Ensino e aprendizagem.

ABSTRACT

[This paper is about] the educational affectionate relation between the teacher and the student as a facilitating practice in the process of teaching and learning, in the conception of the theoretician, psychologist and doctor Henry Wallon. Affection corresponds to a later period in the evolution of the child, and with the emergence of symbolic elements occurs the transformation of emotions into feelings. In this sense affection appears as a fundamental element in the human relation and in the school, and with classmates and with the teacher it is no different since both are directly involved in this process. Wallon points out that affection is at the center of the construction of knowledge and of the person. It is one of the main elements of the intelligence which can help in the development of the student. It is necessary for the teacher to deal with affection, socialization, emotional relations and the psycho-motor aspects in a playful way, aiming at recovering self-esteem and awakening interest in the child to learn and offering conditions for all involved in the process to be able to be autonomous in regard to the socially constructed knowledge. It is necessary for the teacher to know how to listen to the student and for the school to also seek innovations in its pedagogical proposals with the goal of adapting to the needs of the child, since the school represents a place of socialization, with the goal of preparing the individual for life in a permanent process of construction.

Keywords: Affection. Teacher and student. Teaching and learning.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 AFETIVIDADE E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA	19
1.1 O que é afeto?	20
1.2 Afetividade	21
1.3 Notas breves sobre educação em perspectiva teológica	27
2 AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO	31
2.1 Contribuições da teoria Walloniana à educação	33
2.2 A afetividade na interação entre professor-aluno	36
1.3 Afeto e autoridade	38
2.4 A afetividade nas condições de ensino	42
3 POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS	47
3.1 A importância da emoção na aprendizagem	50
3.2 A pessoa do professor em atividade com a criança.....	52
3.3 Contribuições ao ato de educar	54
CONCLUSÃO	59
REFERÊNCIAS	63

INTRODUÇÃO

Ainda é incomum haver relações interpessoais de afetividade, amor e até mesmo de amizade entre alunos e professores, por conta de um suposto risco de formar alunos intelectualizados, porém com baixo equilíbrio emocional. Durante muito tempo, a pedagogia levou em conta apenas uma parte do ser humano: o sujeito epistêmico, aquele que se dedica somente ao conhecimento, baseando-se nas capacidades ou nas habilidades que este indivíduo tem para conhecer, sem considerar que cada sujeito tem uma história, um destino, algo que o diferencia do outro, sua singularidade. Nesse sentido, o autor principal que embasa esta pesquisa, Henry Wallon, destaca que a emoção é o primeiro e mais forte vínculo entre os indivíduos e que é fundamental observar os gestos, a mímica, o olhar e a expressão facial, pois são elementos constitutivos da atividade emocional.

Partindo deste pressuposto, surgiu a necessidade de pesquisar como a relação afetiva educativa entre o professor e o aluno pode facilitar a aprendizagem dos envolvidos no processo, uma vez que essa preocupação envolve a importância dos conteúdos dos componentes curriculares, bem como o sucesso posterior do aluno, seja na aquisição de um diploma ou na aprovação em algum vestibular. Afinal, quando se estabelece uma relação afetiva, de respeito e admiração, há uma predisposição ao outro, à alteridade, o que potencializa o processo de ensino-aprendizagem.

A impressão que se tem do contexto contemporâneo é a de que laços afetivos já não são tão comuns. Pelo contrário, estão se abolindo. Muitas crianças desconhecem o que é o afeto, algumas nunca estiveram numa relação de afeto, quer seja no contexto familiar, quer seja no ambiente escolar, local onde também podem não encontrar essa relação. Ainda assim, muitos indivíduos buscam na escola, na pessoa do professor, o que lhes falta em casa. Por isso, é importante que o professor conheça o histórico de seus alunos para compreender e ampliar as referências de mundo, bem como para trabalhar as potencialidades que cada aluno possui, aumentando, dessa forma, a autoestima deste indivíduo. Todo ser humano necessita de vínculos afetivos a todo o momento para viver em sociedade, seja ela familiar ou escolar, pois é a partir da conjunção de valores, da vida em sociedade,

que ele vai constituindo sua história de vida e vai percebendo que ele não está sozinho, ele precisa do outro para se relacionar e se desenvolver tanto intelectualmente quanto afetivamente. A escola torna-se um dos locais mais propícios para a construção desta positividade no indivíduo.

Diante dessas considerações, a pesquisa bibliográfica proposta busca, como objetivo principal, analisar como a relação afetiva educacional é um elemento facilitador para a melhor aprendizagem do aluno. Para se chegar a esse objetivo, foi possível realizar um estudo no intuito de compreender a afetividade na concepção de Henry Wallon, verificar meios para que haja desenvolvimento afetivo entre professor e aluno, bem como detectar técnicas de como educar afetivamente os alunos. A escolha de Wallon como referencial central deve-se ao fato de que, para o autor, a afetividade envolve uma gama de manifestações que englobam sentimentos e emoções. Ela corresponde a um período mais tardio na evolução da criança e é, a partir do surgimento dos elementos simbólicos, que ocorre a transformação das emoções em sentimentos.

A afetividade aparece como elemento fundamental na relação humana e na escola e, com os colegas e com o professor, não pode ser diferente. Assim, esta pesquisa ocupa-se com a seguinte problematização: É possível que o ambiente escolar seja um lugar propício ao desenvolvimento da afetividade? Os sentimentos positivos influenciam no bom rendimento escolar?

Para responder tais questionamentos, a pesquisa estrutura-se em três capítulos. O primeiro traz uma abordagem sobre a afetividade e o desenvolvimento da criança, buscando esclarecer o que é afeto, afetividade e a junção de educação e pedagogia na concepção de autores renomados que esclarecem a temática em questão. O segundo capítulo elenca a afetividade na educação, trazendo os quatro pilares que abordam a educação como transformadora, apresenta as contribuições de Wallon para a educação e traz uma abordagem mais nítida de como ocorre a afetividade na interação professor aluno, como discernir afeto e autoridade e as atribuições da afetividade nas condições de ensino. E, por fim, o terceiro capítulo aponta possibilidades pedagógicas de como trabalhar a afetividade em sala de aula, descrevendo a importância da emoção na aprendizagem, como o professor, em atividade, é visto pela criança e as contribuições ao ato de educar na intenção de contribuir para que o processo de ensino e aprendizagem seja facilitado ao aluno.

1 AFETIVIDADE E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Neste capítulo, discorrer-se-á acerca da afetividade e como esta contribui para o desenvolvimento da criança de forma positiva e significativa. A afetividade compõe o ser humano enquanto pessoa numa dimensão que envolve emoções, sentimentos e paixões. Para compreendê-la na educação, como alicerce na construção do conhecimento, Castro define que

A afetividade diz respeito a ações e reações internas, que interferem no externo. É por meio dos sentimentos (que são dirigidos para o interior e são privados) que as emoções (que são dirigidas para o exterior e são públicas) iniciam o seu impacto na mente.¹

A relação exercida entre o professor e o aluno permite grande aquisição de conhecimentos. Cada momento que é compartilhado pelos mesmos enriquece o aprendizado. Nesse sentido, Wallon destaca que a afetividade é central na construção do conhecimento e da pessoa. O desamparo biológico que caracteriza os dois primeiros anos da vida humana, em razão das precárias condições de maturidade orgânica, determina um longo período de absoluta dependência da criança dos cuidados de um adulto para poder sobreviver. Isso torna a emotividade a força que garante a mobilização do adulto para atender suas necessidades. Sendo assim, a ideia de Henry Wallon é ressaltar que a expressão emocional é fundamentalmente social, uma vez que esta antecede e extrapola os recursos cognitivos do indivíduo. Para Wallon, o ser humano é um ser organicamente social, pois está na sua emotividade e em seu caráter as condições culturais interpretadas pelo adulto e só assim se estabelece o desenvolvimento cognitivo da criança, uma vez que o bebê expressa sua insatisfação por meio do choro, o qual mobiliza a mãe – e ela interpreta conforme seus valores e seus significados culturais – e a interação entre ambos promove o desencadeamento das funções cognitivas na criança.²

Izabel Galvão expõe que Henri Wallon concorda que, no desenvolvimento humano, é possível identificar a existência de etapas de desenvolvimento

¹ CASTRO, Edileide. *Afetividade e Limites: uma parceria entre a família e a escola*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Walk, 2012. p. 27.

² GRATIOT-ALFANDÉRY, Hélène. *Henri Wallon*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/ Massangana, 2010. p.134-136 (Coleção Educadores). Disponível em: <<http://dominiopublico.mec.gov.br/download/texto/me4686.pdf>>. Acesso em: 30 dez. 2014.

nitidamente diferenciadas, são caracterizadas por um conjunto de necessidades e interesses que lhe garantem coerência e unidade. A autora descreve que, de acordo com Wallon, o estudo da criança contextualizada possibilita perceber que, entre os seus recursos e os de seu meio, se aloja uma dinâmica de determinações mútuas; ou seja, a cada idade se estabelece um tipo peculiar de interação entre o sujeito e o meio ao qual está inserido. Vários fatores são determinantes para seu desenvolvimento, dentre eles, destaca-se os aspectos físicos do espaço, as pessoas próximas, a linguagem e os conhecimentos próprios de cada cultura.³

1.1 O que é afeto?

Para compreendermos a afetividade, é preciso que se conceitue as palavras interligadas a ela, a fim de que haja um melhor entendimento. Porém, não existem conceitos únicos e precisos. O afeto é um fator importante no processo de ensino e aprendizagem, visto que forma elos afetivos entre professor e aluno, o que aponta para o fato de que este pode determinar o sucesso ou o insucesso de uma criança na escola. Com base no conceito de afeto como um sentimento de amizade e carinho, o professor e o aluno dentro da sala de aula passam por um processo de conquista, que pode se dar de forma positiva ou negativa. Os vínculos de afeto entre eles acontecem gradativamente através dos sentimentos e das emoções. Tais vínculos propiciam entre ambos o diálogo, o qual é uma das ferramentas mais importantes no processo de ensino aprendizagem. Segundo a definição de Edileide Castro,⁴

A palavra afeto vem de *affekt* – qualquer estado afetivo, agradável ou penoso, ainda que vago, e que se manifesta por uma descarga emocional física ou psíquica, imediata ou adiada. O afeto traduz as emoções representadas e corresponde as sensações.

É por meio dos afetos e dos laços manifestados por eles, que as crianças se sentem mais seguras e com mais vontade de aprender, pois a afetividade melhora o

³ GALVÃO, Izabel. *Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. 21 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

⁴ CASTRO, 2012, p. 27.

convívio do aluno com o professor, tornando a aula mais prazerosa. Antônio Cunha descreve que

Em qualquer circunstância, o primeiro caminho para a conquista da atenção do aprendiz é o afeto. É ele um meio facilitador para a educação. Considerando o nível de dispersão, conflitos familiares e pessoais e até comportamentos agressivos na escola, hoje em dia, seria difícil encontrar algum outro mecanismo de auxílio ao professor mais eficaz.⁵

O afeto pode levar à construção de uma amizade quando é um sentimento recíproco. Mas nem sempre esse comportamento é possível. No entanto, entre professor e aluno existem sentimentos de imensa afeição despertados pelo prazer de estar junto e de conviver com intensidade a cada dia.

São os afetos que dão o colorido especial à conduta de cada um e às nossas vidas. Eles se expressam nos desejos, sonhos, fantasias, expectativas, nas palavras, nos gestos, no que fazemos e pensamos. É o que nos faz viver. Os afetos ajudam-nos a avaliar as situações, servem de critério de valoração positiva ou negativa para as situações de nossa vida; eles preparam nossas ações, ou seja, participam ativamente da percepção que temos das situações vividas e do planejamento de nossas reações ao meio. Isso caracteriza o afeto como resultante da prática do amor, atitude que se reveste de estímulo para a conquista do saber. Para a criança aprender, não existe um modelo de educação único e pré-determinado a ser seguido pelo professor. Com base na afetividade e nos limites estabelecidos por ela, encontrarão professor e aluno uma fonte satisfatória de aprendizado, pois é nesta relação, no diálogo aberto e amigo, que se desenvolve com equilíbrio a personalidade humana.

1.2 Afetividade

A afetividade compõe o ser humano enquanto pessoa numa dimensão que envolve emoções, sentimentos e paixões. Para compreendê-la na educação, como alicerce na construção do conhecimento, Castro afirma que

A afetividade diz respeito a ações e reações internas, que interferem no externo. É por meio dos sentimentos (que são dirigidos para o interior e são

⁵ CUNHA, Antônio Eugênio. *Afeto e aprendizagem, relação de amorosidade e saber na prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Wak, 2010. p. 51.

privados) que as emoções (que são dirigidas para o exterior e são públicas) iniciam o seu impacto na mente.⁶

A relação exercida entre o professor e o aluno permite grande aquisição de conhecimentos; cada momento que é compartilhado pelos mesmos enriquece o aprendizado. Esses momentos são representados pelo que chamamos de afetividade, pois a sala de aula, ao revestir-se da sua humanidade, com laços de compreensão e entendimento, com atividades dinâmicas e desejantes, com participação ativa do aluno e nutrida por seu interesse, poderá tornar o aprendizado surpreendente.

A afetividade é um dos principais elementos da inteligência que pode ajudar no desenvolvimento do aluno. Este deve ser visto como o sujeito ativo, o qual deseja aprender de forma significativa, não sendo simplesmente um expectador, em que só são repassados os conteúdos, sem haver preocupação por parte do professor. Por isso é tão importante entendermos e praticarmos a pedagogia do afeto, que na visão de Maria Rossini é a teoria de enternecimento das relações escola, família e sociedade transformando e formando as crianças em indivíduos preocupados com o social e bem estruturados emocionalmente.⁷

A afetividade é de suma importância desde o início do desenvolvimento humano. Tudo vai acontecendo de acordo com o seu meio e com as pessoas à sua volta. Para Celso Antunes, “todas as relações familiares e profissionais devem ser envolvidas pela afetividade, em todas as idades ou nível sociocultural”.⁸ A relação aluno-professor equilibra-se e constrói mais intensamente quando há afeto entre ambos, pois assim, é possível que as ações positivas no processo de ensino e aprendizagem ocorram de forma mais prazerosa.

Rossini destaca que as crianças que possuem uma boa relação afetiva são seguras, têm o interesse pelo mundo que as cerca, compreendem melhor a realidade e apresentam melhor desenvolvimento intelectual. E ainda descreve que

A afetividade denomina a atividade pessoal na esfera instintiva, nas percepções, na memória, no pensamento, na vontade, nas ações, na

⁶ CASTRO, 2012, p. 28.

⁷ ROSSINI, Maria Augusta Sanches. *Pedagogia afetiva*. Petrópolis: 3ed. vozes, 2001

⁸ ANTUNES, Celso. *A linguagem do afeto: como ensinar virtudes e transmitir valores*. Campinas, SP: Papyrus, 2005. p. 20.

sensibilidade corporal, ela é componente de equilíbrio e da harmonia da personalidade.⁹

Quando acontece o clima de afeto e compreensão está se formando uma relação facilitadora e, através de um ambiente repleto de afeto, o professor eleva a autoestima do educando com o objetivo de proporcionar seu pleno desenvolvimento cognitivo e social. Assim, para que a criança tenha um desenvolvimento saudável e adequado dentro do ambiente escolar e, conseqüentemente, social, é necessário que haja um estabelecimento de relações interpessoais positivas, como aceitação e apoio, possibilitando assim o sucesso dos objetivos educativos.

Henri Wallon dedicou grande parte de seu trabalho ao estudo da afetividade. Ele busca, em sua psicogênese, articular o biológico e o social. Sendo assim, atribui às emoções um papel de primeira grandeza na formação da vida psíquica. Para ele, as relações de sociabilidade do indivíduo com o mundo se dão desde seu nascimento, visto que, ao nascer, não há meios de ação sobre coisas circundantes, razão por que a satisfação de suas necessidades e seus desejos tem de ser realizada por intermédio de pessoas adultas que o rodeiam. Nesse sentido, Wallon estabelece uma diferenciação entre emoção e afetividade. Para ele, emoções são manifestações de estados subjetivos, mas com componentes orgânicos, enquanto que a afetividade tem uma conceituação mais ampla, a qual envolve maiores manifestações, sentimentos, para ele, de origem psicológica.¹⁰

De acordo com o autor, a transformação das emoções em sentimentos só ocorre a partir do surgimento dos elementos simbólicos que aparecem com a evolução da criança. Nesse sentido, é compreensível que o autor defenda a afetividade como fonte do conhecimento. À medida que o indivíduo se desenvolve, as emoções vão encontrando formas de expressão mais complexas. O que, no início, era comunicado através do corpo, com conquistas como aquisição da marcha, da linguagem oral, da intencionalidade, da capacidade de representação vai ganhando maior enriquecimento e complexidade nas maneiras de expressão. Com isso, surgem novas formas, sejam palavras ou ideias, além do contato corporal. As

⁹ ROSSINI, Maria Augusta Sanches. *Pedagogia afetiva*. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 21.

¹⁰ WALLON, 1978, p. 89.

conquistas intelectuais são incorporadas à afetividade, dando-lhe um caráter eminentemente cognitivo.¹¹

Wallon descreve que somos sujeito a partir do outro, pela mediação do outro, ou seja, a partir da linguagem, que se coloca entre nós e o mundo, para organizar a nossa relação com ele. É na relação com a fala e os movimentos dos adultos que a criança vai entendendo quem é ela e quem é o outro. O ato motor, o deslocamento do corpo no espaço com cada vez mais desenvoltura e segurança, gera o ato mental. Wallon propôs, segundo Regina Prandini três centros que se entrelaçam diferentemente ao longo do desenvolvimento da criança: a afetividade, a motricidade e a cognição (afetividade-impulso-emocional até 2 anos, motricidade e cognição)¹²

Regina Prandini reforça que a teoria de Wallon considera o desenvolvimento da pessoa a partir da relação de seu organismo com o meio, organismo com potencial genético para tornar-se um representante típico da espécie. Além dessa integração entre organismo e meio, a teoria enfatiza também a integração entre várias funções da pessoa, funções classificadas pelos domínios – ato motor, afetividade e conhecimento.¹³

Essas revoluções de idade para idade não são improvisadas por cada indivíduo. São a própria razão da infância, que tende para edificação do adulto como exemplar da espécie. Estão inscritas, no momento oportuno, no desenvolvimento que conduz a esse objetivo. As incitações do meio são, sem dúvida, indispensáveis para que elas se manifestem e, quanto mais se eleva o nível da função, mais ela sofre as determinações dele: quantas e quantas atividades técnicas ou intelectuais são à imagem da linguagem, que, para cada um, é a do seu meio.¹⁴

Portanto, compreender a constituição da pessoa como um processo em que se integram organismos e meio significa reconhecer que o ser humano se desenvolve a partir de seu organismo, capaz de vir a ser homem, e que as funções potenciais do organismo surgem de acordo com as etapas biológicas de desenvolvimento e se realizam de acordo com as circunstâncias que ele encontra no

¹¹ WALLON, 1978, p. 90.

¹² PRANDINI, Regina Célia Almeida Rego. A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon. In: MSHONEY, A. A (org.). *A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon*. São Paulo: Loyola, 2004. p.57-68.

¹³ PRANDINI, 2004, p. 62

¹⁴ PRANDINI, 2004, p.57-68.

meio. As funções desenvolvidas pelos seres humanos, apesar de variarem de uma cultura para outra, mantêm entre si certa identidade, pois correspondem ao potencial de desenvolvimento do organismo da espécie.

Prandini escreve que Wallon aponta a questão da língua, que pode variar em forma e conteúdo nas diversas culturas, mas existe em todas elas. A construção e a manutenção da cultura dependem do organismo humano, assim como o desenvolvimento do organismo depende da cultura. Um não pode ser pensado de forma independente do outro.

Nessa direção, Iuri Reblin destaca que uma vez em que o mundo cultural é instituído, o ser humano habitua-se sob os inícios de seus valores que sua afinidade com a natureza e com o que o cerca chamou. É por isso que o ser humano é capaz das coisas mais diversas ao se tratar de um objetivo, de uma meta, “cometer suicídio, viver uma vida monástica, construir jardins e plantar árvores”.¹⁵ De acordo com o autor, a partir de sua leitura do pensamento de Rubem Alves,

A cultura (e também a religião) surge da faculdade criativa do ser humano de transformar o mundo a sua volta num mundo que possa ser amado, que possa ser objeto de desejo. Para se sentir ‘em casa’, o ser humano vai organizar seu mundo de maneira que ele possa amá-lo e sentir-se amado (ele criará uma *ordo amoris*, uma ordem amorosa) de maneira que ele possa ver um sentido para a sua vida e uma ordem sob a qual ele possa organizar a sua vida. Assim, o ser humano transforma seu meio mediante a exigência do amor e dos valores que emanam na relação que ele estabelece com seu meio e com as coisas ao seu redor.¹⁶

Para o autor, há um último fator a ser considerado, pois descreve que o mundo se contempla de significados e que este é criado pelo acasalamento do desejo e da imaginação, porém não subsiste sem a estrutura da linguagem. Na verdade, o próprio mundo de significados é intercedido pela linguagem. Ainda discorre que, ao mesmo tempo em que “o ser humano constitui seu mundo a partir da sua relação com o ambiente que o cerca, ele traduz a sua experiência através da linguagem”. A linguagem é explanação do mundo que o cerca. Ela reflete a relação que este estabelece com seu meio e as acepções que surgem dessa relação.¹⁷

¹⁵ REBLIN, Iuri Andréas. *Outros cheiros, outros sabores... o pensamento teológico de Rubem Alves*. 2. ed. São Leopoldo: Oikos, 2014. p.108.

¹⁶ REBLIN, 2014, p.110.

¹⁷ REBLIN, 2014, p.111-112.

Na compreensão do processo de desenvolvimento e constituição da pessoa, organismo e meio devem ser tomados como polos de uma mesma unidade e considerados do ponto de vista de sua relação. Durante o desenvolvimento do organismo de acordo com seu plano ontogenético, herdado filogeneticamente, os vários reflexos são inibidos e integrados a sistemas complexos. A este processo chama-se *maturação orgânica*. Paralelamente, os movimentos impulsivos modificam-se paulatinamente pelo efeito da aprendizagem que o *exercício funcional* proporciona ao bebê: ligar o efeito perceptível aos movimentos próprios para produzi-los e diversificar os movimentos e os efeitos possíveis, coordenando mutuamente os campos sensorial e motor e investindo os movimentos de intenção relacionada aos resultados que podem produzir. Exercício funcional é a atividade que explora as novas possibilidades que o desenvolvimento do organismo coloca à disposição da pessoa.¹⁸

Dantas descreve que Wallon destaca que a afetividade é central na construção do conhecimento e da pessoa.¹⁹ O desamparo biológico que caracteriza os dois primeiros anos da vida humana, em razão das precárias condições de maturidade orgânica, determina um longo período de absoluta dependência da criança dos cuidados de um adulto para poder sobreviver. Isso torna a emotividade a força que garante a mobilização do adulto para atender suas necessidades. Nesse sentido, a ideia de Wallon é ressaltar que a expressão emocional é fundamentalmente social, uma vez que esta antecede e extrapola os recursos cognitivos do indivíduo. Para Wallon, o ser humano é um ser organicamente social, pois estão na sua emotividade e em seu caráter as condições culturais interpretadas pelo adulto e só assim se estabelece o desenvolvimento cognitivo da criança, uma vez que o bebê expressa sua insatisfação por meio do choro, o qual mobiliza a mãe e ela interpreta conforme seus valores e significados culturais e a interação entre ambos promove o desencadeamento das funções cognitivas na criança.²⁰

¹⁸ PRANDINI, 2004.

¹⁹ LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992.

²⁰ WALLON, 1978, p. 178.

1.3 Notas breves sobre educação em perspectiva teológica

A educação tem como finalidade a preparação do educando para o exercício da cidadania, de acordo com a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9394/96, Art. 2º, p.5).²¹ A educação caracterizada como uma prática social diversificada, dependendo do contexto em que está inserida, torna possível a reciprocidade do indivíduo e da sociedade num conjunto das ações e processos que influenciam as estruturas, mantendo viva a memória de um povo, dando condições para sua sobrevivência, sendo imprescindível para o acesso ao conhecimento. Além disso, a educação permite ao indivíduo o resgate de sua cultura, visando à integração e à socialização na sociedade. Libâneo afirma que

A educação é conjunto das ações e processos que influenciam as estruturas e que tornam possível a reciprocidade indivíduo e sociedade, mantendo viva a memória de um povo dando condições para sua sobrevivência, o que caracteriza a educação como uma prática social diversificada dependendo do contexto em que está inserido dessa forma pode-se afirmar que a educação torna-se cada vez mais necessária para privilegiar o acesso ao conhecimento, em detrimento de outras formas de aprendizagem.²²

A educação é um processo que visa o ensino e a aprendizagem, e está presente em todos os lugares, em casa, na rua, na igreja, na escola, no trabalho, nos meios de comunicação; enfim, no ensino de todos os saberes, facilitando a integração do indivíduo na sociedade. Como as relações de aprendizagem não são unilaterais, isto é, não há como separar o desenvolvimento cognitivo das experiências da vida, separar o sujeito do mundo, a matéria do espírito, a inteligência do homem do seu amor pelo objeto de conhecimento, a solução é uma educação integral e afetiva.

Todos os dias, misturamos a vida com a educação, para aprender e para ensinar. No cotidiano, as relações vividas estão baseadas na afetividade, sejam socialmente tratadas ou culturalmente passadas de uma geração para outra. A educação informal, não formal e formal nas diferentes manifestações de modalidades da prática educativa. A educação informal corresponderia às ações e influências exercidas pelo meio, pelo ambiente sociocultural, a não formal seria

²¹ BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 20 de dezembro de 1996. p.05. Disponível em: <<http://www.mec.org.br/LDBEN>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

²² LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e pedagogos, para quê?* 2. ed. São Paulo, Cortez, 2001. p. 22.

realizada em instituições educativas fora dos marcos institucionais, mas com certo grau de sistematização e estruturação, já a formal compreenderia a instâncias de formação, escolares ou não, onde há objetivos educativos. A educação é um processo que visa o ensino e a aprendizagem, e todas essas modalidades de educação fazem parte da ação pedagógica que vai além do âmbito escolar e está sempre em constante desenvolvimento.

A família de hoje conta muito com a escola, com seus professores, na formação das crianças e dos jovens. Ela precisa estar informada sobre a linha de conduta que a escola tem para com seus filhos e, o que é fundamental, concordar com esta linha: é preciso falar a mesma língua. Diante desse contexto, é interessante complementar que as Sagradas Escrituras abordam que através do laço afetivo de Deus com seu povo, Jesus, o filho de Deus, foi enviado para anunciar a boa nova aos pobres, proclamar a libertação dos presos, recuperar a visão dos cegos e libertar os oprimidos, para cumprir sua missão como o maior mestre que já se ouviu falar.²³

Cristo, do ponto de vista pedagógico, foi um grande educador, popular e bem sucedido, suas palavras advinham do calor dos fatos, a Pedagogia de Jesus era concreta. Na figura do educador, o aluno vai em busca de novos conhecimentos, que podem ser nutridos de afetos e cultivados a fim de encontrar uma forma natural para ensinar e educar. De acordo com as Sagradas Escrituras,

Desde a infância você conhece as Sagradas Escrituras; elas têm o poder de comunicar a sabedoria que conduz à salvação pela fé em Jesus Cristo. Toda escritura é inspirada por Deus e é útil pra ensinar, para refutar, para corrigir, para educar na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito, preparado para toda a boa obra.²⁴

É possível, desse modo, tornar, no encontro do educador com o aluno, a compreensão do seu universo mais profundo, a ação é o lugar das motivações e dos significados que constituem a vivência afetiva e existencial do aluno. O único estímulo capaz de fazê-lo compreender que a busca do saber tem um sentido para sua vida. Nessa perspectiva, ainda pode-se contribuir concordando que é próprio da pedagogia incentivar o educando e estimulá-lo a procurar convincentes e satisfatórias motivações, ajudá-lo a entender que a maturidade consiste em abrir-se

²³ BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancrin. São Paulo: Paulus, 1991. Edição Pastoral.

²⁴ 2 Tm 3,15-17

para os outros para compartilhar alegrias e dores, esperanças e angústias. O ser humano só pode reencontrar-se plenamente através do dom sincero de si, fazendo de tudo para viver em paz com a sua consciência, sentindo-se à vontade e de bem consigo mesmo, com Deus e com os outros.

Um ponto comum entre pedagogia e religião é a intenção de contribuir nessa construção do sujeito. Enquanto a religião se ocupa em formar para a fé e para a vida, a pedagogia ocupa-se em formar para a fé na vida e para a vida, pois os líderes religiosos conduzem, através da religião, seus adeptos e o pedagogo, por meio do pedagógico.²⁵

É nesse processo educativo, o professor se torna o agente transmissor do conhecimento e, através de laços afetivos, torna coerente para o aluno uma aprendizagem prazerosa, superando os obstáculos por meio da afetividade. Qualquer diferenciação do ensino requer uma avaliação que supostamente ajude a criança a aprender. Para que uma atividade, seja geradora de aprendizagem, é necessário que a situação desafie o sujeito, que ele tenha necessidade de aceitar esse desafio e que isso esteja dentro de seus meios, ao preço de uma aprendizagem nova, mas acessível.

²⁵ QUEIROZ, Daniela Moura. *A dimensão pedagógica da religião: da pedagogia de Jesus à pedagogia cristã em tempos de sociedade secularizada*. 2009.p.12.

2 AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO

O capítulo seguinte traz uma abordagem mais intensa e esclarecedora sobre como a afetividade está incluída na educação e/ou como deve estar incluída, abordando todos os aspectos possíveis que possam contribuir para o melhor desempenho do professor em sala de aula objetivando a aprendizagem mais prazerosa pelo aluno.

O desenvolvimento da ligação afetiva entre professor e aluno é afetado por características das crianças, considerando que estas já manifestavam ligações afetivas com os pais, o que caracteriza a intensidade da afeição entre eles. O Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional, presidida por Jacques Delors, sobre a Educação para o século XXI ressalta que uma educação transformadora para a vida se baseia nos quatros pilares da educação: **aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser.**

Aprender a conhecer: combinando uma cultura geral, suficientemente, com possibilidade de trabalhar em profundidade um pequeno número de matérias. O que também significa: Aprender a aprender, para beneficiar-se das oportunidades oferecidas pela educação ao longo de toda vida.

Aprender a fazer: a fim de adquirir, não somente uma qualificação profissional, mas, de uma maneira, mas ampla, competências que tornem a pessoa apta a enfrentar numerosas situações e a trabalhar em equipe. Mas também aprender a fazer num âmbito das diversas experiências sociais ou de trabalho que se oferecem aos jovens e adolescentes, quer espontaneamente, graças ao desenvolvimento do ensino alternado com o trabalho.

Aprender a viver juntos: desenvolvimento a compreensão do outro e a percepção das interdependências - realizar projetos comuns e preparar-se para gerir conflitos – no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz.

Aprender a ser: para melhor desenvolver sua personalidade e estar à altura de agir com cada vez maior capacidade de autonomia, de discernimento e de responsabilidade pessoal. Para isso não negligenciar na educação nenhuma das possibilidades de cada indivíduo: memória, raciocínio, sentido estético, capacidades físicas, aptidão para comunicar-se.²⁶

²⁶ DELORS, Jacques (org.). *Educação um tesouro a descobrir*. 4. ed. São Paulo: Cortez; Brasília – DF; MEC; UNESCO. 2000.p.101-102 (grifo do autor)

Nesse sentido, a educação pode ser entendida como um processo que está em construção. Ela tem a tarefa de conduzir o sujeito na busca pelo conhecimento, fazendo-se mediadora das várias formas de aprendizagem e ensino que acontecem tanto dentro como fora da escola.

Regina Haydt afirma que “O ensino é uma ação deliberada e organizada. Ensinar dentro do contexto educacional vem ser uma prática pela qual o professor, através de métodos adequados, orienta a aprendizagem dos alunos [...]”.²⁷ O ensino é o objeto da Didática, mas também pode ser caracterizado como uma prática social que está inserida dentro do processo educativo, no qual o professor vem ser o mediador aplicando métodos e práticas que contribuirão para aprendizagem dos alunos. Enquanto campo de conhecimento, esta deve ser entendida em seu caráter prático de contribuição ao desenvolvimento do trabalho de ensino que é realizado no cotidiano escolar.²⁸

A Didática é o campo do estudo da Pedagogia que tem relação entre teoria e prática, voltada para o serviço do professor, Ela é um elemento fundamental para o desenvolvimento do trabalho docente, contribuindo para construção de conhecimentos. Assim, a didática vem a ser parte essencial na formação e na prática do docente, que propõe o desenvolvimento das ações do professor, e isso dará referência às ações dos alunos.

É fato que os pilares da educação estão embasados na arte de aprender e que isso deve estimular na criança o gosto e o interesse em perceber-se como ser integrante, dependente e transformador de si mesma e do meio em que vive, melhorando sua autoestima e o prazer pelo ato de aprender. Consiste em afetividade, a socialização, as relações emocionais e os aspectos psicomotores de uma maneira lúdica visando resgatar a autoestima e despertar o interesse da criança em aprender e proporcionar condições para que todos os envolvidos no processo sejam capazes de possuir autonomia frente ao conhecimento construído socialmente.

Se a criança manifesta dificuldades na aprendizagem, tal situação poderá ter a ver ou não com falhas cognitivas, mas também pode haver com o bem-estar emocional. Nessas circunstâncias, é imprescindível saber como atuar e o mais

²⁷ HAYDT, Regina Célia Casaux. *Curso de didática geral*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2006. p. 13.

²⁸ HAYDT, 2006. P. 17.

indicado é a visita de um profissional especializado, um psiquiatra infantil, que pode ser determinante para a resolução da problemática.

Vale ressaltar que a construção da afetividade no indivíduo não deve ser responsabilidade única e exclusiva da escola ou da família, mas de ambas que devem caminhar juntas com o objetivo de promover o bem-estar da criança dentro da sociedade e com seu próprio eu. Gabriel Chalita destaca ainda que,

Por melhor que seja uma escola, por mais bem preparados que sejam seus professores, nunca vai suprir a carência deixada por uma família ausente. Pai, mãe, avós, quem quer que tenha a responsabilidade pela educação da criança deve dela participar efetivamente sob pena de a escola não conseguir seu objetivo. A família tem que acompanhar de perto o que se desenvolve nos bancos escolares.²⁹

O autor ainda discorre que a habilidade emocional do ser humano não o reduz a uma consciência ingênua, a um estado de passividade. Muito pelo contrário, quem ama, luta, mas sabe determinadamente os motivos pelos quais luta e quais os mecanismos aptos para vencê-la. É preciso utilizar as palavras corretas no momento correto e até na medida correta. Ainda contribui dizendo que, quem ama sofre, mas um sofrimento que conduz não ao desespero, mas ao amadurecimento, ao novo desafio. Portanto, quem ama vibra com toda a adequação necessária e o respeito a quem não tem o privilégio de conviver.

Nessa linha de raciocínio, é perceptível que a presença da família é primordial para a formação da personalidade da criança, bem como a escola também se torna responsável pelo desenvolvimento afetivo da criança, uma vez que, na ausência da família, a escola deve assumir em suma tal papel, sem negligenciar, pois é na escola que o aluno descobre seu universo de conhecimentos e professores são os contribuintes de tal informação.

2.1 Contribuições da teoria Walloniana à educação

Henry Wallon nasceu em Paris. Graduiu-se em medicina e psicologia. Fez também filosofia. Atuou na Primeira Guerra Mundial ajudando a cuidar de pessoas com distúrbios psiquiátricos. Em 1925, criou um laboratório de psicologia biológica da criança. Quatro anos mais tarde, tornou-se professor da Universidade Sorbonne

²⁹ CHALITA, Gabriel. *Educação: a solução está no afeto*. São Paulo: Gente, 2001. p.17-18.

e vice presidente do Grupo Francês de Educação Nova. Ao longo de sua vida dedicou-se a conhecer a infância e os caminhos da inteligência nas crianças. Dedicou seu tempo para estudo revolucionários no ensino e lançou a revista *Enfance*, que serviu de plataforma de novas ideias no mundo da educação e que rapidamente se transformou numa espécie de bíblia para pesquisadores e professores.³⁰ Logo, seguem as contribuições de Henry Wallon para a educação no sentido da importância de se trabalhar a afetividade em sala de aula para um melhor rendimento e aproveitamento de ambos os envolvidos no processo educativo.

Wallon determina humanismo ampliado à concepção que implica a plena realização do homem em cada indivíduo. O ser humano completo só é concebido em sua forma universal atribuindo-lhe o poder de compreender, ponderar e escolher. Uma educação humanista, segundo Wallon, deve considerar todas as disposições que constituem o homem completo, mesmo estando desigualmente repartidas entre os indivíduos, pois qualquer ser humano potencialmente pode desenvolver-se em qualquer direção, a depender do seu aparato biológico e das condições em que vive.³¹ Para o autor, uma aptidão só se manifesta se encontrar ocasião favorável e objetos que lhe respondam. Muitas aptidões novas poderiam manifestar-se no encontro das necessidades psicológicas das crianças e as necessidades crescentes da sociedade.

Nessa coerência, vale destacar que o acesso à cultura é essencial dentro da educação formal, pois ela é a expressão do florescimento das criações e as aptidões do ser humano genérico, universal, sejam manuais, corporais, estéticas, intelectuais ou morais. A escola é a parte das condições de existência, na qual a pessoa se desenvolve e se constitui, devendo intervir nesse processo de forma que promova o desenvolvimento de tantas aptidões quantas for possível, visando uma educação preocupada com a formação geral sólida para a autonomia, a cidadania e a orientação profissional, fundamentadas pelos princípios da justiça, da igualdade e do respeito à diversidade, priorizando os aspectos e as necessidades específicas de cada faixa etária, respeitando o desenvolvimento afetivo, cognitivo de socialização e maturação biológica de cada ser individual.³²

³⁰ WALLON, Henri. *Psicologia e educação da criança*. Lisboa: Editorial Veja, 1979.

³¹ WALLON, 1979, p. 187.

³² WALLON, 1979, p. 189.

Wallon afirma serem as aptidões cultivadas, desenvolvidas em contato com a cultura e não inatas, embora elas dependam também das condições orgânicas. Por isso, o autor atribui à escola, como função primordial, dar acesso à cultura visando o cultivo das aptidões, pois só podem exercer as disposições que constituem o ser humano completo.

Para o autor, todos devem ter oportunidades iguais e, para isso, seria necessário haver escola para todos, ou todos com acesso à escola, assim, cada um poderia encontrar, segundo suas aptidões, todo o desenvolvimento intelectual, estético e moral capaz de assimilar. Isso, necessariamente de acordo com os estágios de desenvolvimento que a criança perpassa, descritos pelo autor.

Dos 03 aos 11 anos, as aptidões parecem não contribuir de maneira eficiente. Por esse motivo, o momento seria propício para orientar e cultivar todas elas, cada um de acordo com sua natureza: manual, corporal, estética, intelectual e moral.

Entre 11 e 15 anos, sobre um fundo de aquisições comuns, emergem aptidões mais particulares, pessoais, originais que devem encontrar tarefas que ajudem no desenvolvimento. A oferta de alternativas deveria ser ampla o suficiente para permitir à criança, ao exercitar e desenvolver novas funções, reconhecer suas preferências e dificuldades.

À universidade caberia a formação profissional, a investigação científica e a difusão da cultura associando uma cultura geral superior a uma especialização muito avançada.³³

Diante disso, compreende-se que o meio e a cultura condicionam os valores morais e sociais que a criança incorporará e que devem ser cultivados os valores de solidariedade e justiça. O autor insiste na importância do professor conhecer as condições de existência de seu aluno para saber quais os valores que nela estão sendo cultivados, nos outros meios em que está imersa e saber como cultivar aqueles que são seus objetivos.

Wallon descreve que, a partir dos 07 anos, a criança vive, ao mesmo tempo, sentimentos e situações de cooperação, exclusão e rivalidade. Cabe ao professor intervir, propondo atividades que privilegiem trabalhos em grupos e atitudes de cooperação, em relação aos trabalhos individuais, uma vez que nessa fase podem acirrar rivalidades em detrimento da solidariedade. Além disso, o momento é propício para preparar a criança para a etapa seguinte que é a adolescência.³⁴ A

³³ WALLON, Henri. *A evolução psicológica da criança*. Lisboa: Edições 70, 1968. p. 155.

³⁴ WALLON, H. *As origens do caráter da criança*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1971.

responsabilidade é um dos sentimentos que o educador deve buscar promover na criança e desta forma também auxiliar nas suas indecisões e angústias, sugerindo atividades que auxiliem o reconhecimento de suas tendências e o cultivo de aptidões e orientando a proposição de metas e objetivos futuros.

2.2 A afetividade na interação entre professor-aluno

A relação professor-aluno é substancial para o processo de ensino-aprendizagem do aluno, no sentido de o professor acompanhar e orientar, focando no seu desenvolvimento cognitivo, proporcionando espaços para o aluno interagir com o meio. Haydt concorda que, quando o professor concebe a criança como um ser ativo, que formula ideias, desenvolve conceitos e resolve problemas de vida prática através da sua atividade mental, construindo, assim, seu próprio conhecimento, sua relação pedagógica muda. A criança exerce sua atividade mental sobre os objetos quando opera mentalmente, isto é, quando observa, compara, classifica, ordena, seria, localiza no tempo e no espaço, analisa, sintetiza, propõe e comprova hipóteses, deduz, avalia e julga.³⁵

Na relação entre professor e aluno é necessário o diálogo como em qualquer relação entre os seres humanos. Na sala de aula, o aluno é um agente ativo, que está sempre em processo de desenvolvimento, onde é capaz de pensar, refletir e discutir suas ideias, posições e cabe ao professor proporcionar conhecimentos variados de diversas formas aos alunos em sala de aula, promovendo debates, trabalho em grupo, incentivando os alunos a se conhecerem de forma mais precisa.

Ainda para a referida autora, “é no contexto da sala de aula, no convívio diário com o professor e com colegas, que o aluno vai gradativamente exercitando hábitos, desenvolvendo atitudes, assimilando valores”.³⁶ No processo de ensino-aprendizagem, a importância do elo entre o professor e alunos na sala de aula gera uma confiança entre ambas as partes, pois os alunos terão mais segurança em expressar suas ideias e o professor terá a oportunidade de acompanhar o desenvolvimento de seu aluno.

³⁵ HAYDT, Regina Célia Casaux. *Curso de didática geral*. 7ed. São Paulo: Ática, 2006.

³⁶ HAYDT, 2006, p. 55.

A formação das crianças e dos jovens ocorre por meio de sua participação na rede de relações que constitui a dinâmica social. É convivendo com pessoas, seja com adultos ou com colegas, que a criança e jovens assimilam conhecimentos e desenvolvem hábitos e atitudes do convívio social.³⁷

A relação professor-aluno é uma ferramenta que tem influência diretamente no processo de ensino-aprendizagem do aluno, e está ligada na forma de condução da aula, seja com o aluno criança ou jovem.

O professor tem duas funções na relação humana. Incentivadora e energizante, pois ele deve aproveitar a curiosidade natural do educando para despertar o seu interesse e mobilizar seus esquemas cognitivos. Orientadora, pois deve orientar o esforço do aluno para aprender, ajudando-o a construir seu próprio conhecimento.³⁸

Diante da exposição da autora, o ponto principal do processo interativo é a relação educando educador. Quando há a interação entre educador e aluno também contribui para a construção dos conhecimentos do educador. Na medida em que há interação, os valores são transmitidos, e ocorre uma troca de conhecimentos adquiridos fora do âmbito escolar, ou seja, o conhecimento do professor é como o conhecimento de todas as pessoas, está sempre em processo de construção.

Na concepção de Haydt, “o afeto deve estar presente na relação entre professor e alunos dentro da sala de aula e nas atividades fora dela. O ambiente escolar também pode ou não trazer a vontade de aprender”.³⁹ Portanto, deve-se pensar também no espaço oferecido para os alunos, pois um ambiente acolhedor, descontraído, contribui fortemente para o desenvolvimento da aprendizagem do aluno.

A figura do professor passa a fazer parte do cenário inconsciente do aluno, recebendo uma significação própria, e, a partir de então, este só será escutado e entendido por meio deste lugar onde é colocado. Quando o lugar é favorável, o processo de aprendizagem é beneficiado; quando este lugar é desfavorável, o processo de aprendizagem é prejudicado, visto que a figura do professor transmite uma mensagem negativa para aquele aluno.⁴⁰

O aluno cria um perfil do professor bom ou ruim e, a partir deste perfil, em sala aula pode ou não despertar o interesse do aluno. Se o aluno não se adaptou à metodologia do educador ou à maneira como este conduz suas aulas, as

³⁷ HAYDT, 2006, p. 55.

³⁸ HAYDT, 2006, p. 55.

³⁹ HAYDT, 2006, p. 59.

⁴⁰ HAYDT, 2006, p. 59.

possibilidades do aluno obter um bom rendimento escolar é pouco provável, pois vale ressaltar que a relação professor-aluno é indispensável para o desenvolvimento da aprendizagem do educando.

O bom professor é o que consegue, enquanto falar, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas.⁴¹

O papel do professor consiste em agir como intermediário entre os conteúdos da aprendizagem e a atividade construtiva para a construção da cidadania, ou seja, o educador não é apenas um mero transmissor de conhecimentos teóricos, planejados para serem repassados aos alunos, o professor também contribui para a formação social deste, como um agente que precisa conviver em sociedade e tomar decisões com segurança e independência.

Nessa relação deve haver respeito entre ambos. O professor precisa cada vez mais ser interativo, deixar seu aluno expor suas ideias e dialogar com os colegas. É educar o aluno para o diálogo e para as relações democráticas, trocar informações. Aprender a administrar uma sala de aula, interativamente, desenvolvendo a capacidade de diálogo e comunicação com os outros, aprender a ouvir o outro e ajudá-lo; aprender a pedir ajuda, resolver mal-entendidos e respeitar as diferenças. Portanto, o ato de educar terá mais chance de sucesso se houver uma relação afetiva entre professor e aluno, se não for desta forma, não haverá aprendizagem significativa que preparará o indivíduo para uma futura vida profissional e social.

1.3 Afeto e autoridade

É importante atentar para a necessidade de fazer do afeto uma das ferramentas no ato de educar. A inclusão ou não do afeto no processo educativo definirá se a sala de aula funcionará como espaço de verdadeira aprendizagem ou como espaço apenas para passar o tempo e concluir níveis educacionais.

Pietro Schiavone concorda que ter boas notas na sala de aula não significa que a aprendizagem ocorreu de forma efetiva, pois isso só acontece quando o aluno

⁴¹ HAYDT, 2006, p. 96.

é realmente afetado pela escola que o leva à transformação pessoal, tornando capaz de participar da transformação do mundo evoluindo como ser humano. O autor descreve:

Convém observar que o educando não é um recipiente a ser enchido, uma marionete a ser manipulada, um robô a ser programado, mas uma pessoa com afetos e sentimentos, sensibilidade e emoções, preocupações e dificuldades, se, por exemplo, um professor percebe que o aluno está “desolado ou tentado” (leia-se: desestimulado e triste, agitado e preocupado), não deve ser com ele “nem, duro nem áspero, mas doce e suave, infundindo-lhe coragem e força para seguir adiante”, abrindo-o para futuras aquisições e vantagens; se observa que é de “índole volúvel”, deve preveni-lo e exortá-lo para que se guarde de fazer propósitos imponderados e apressados; se for facilmente entusiasmável, deve refreá-lo e ajuda-lo a considerar “quanta ajuda ou dificuldade poderá encontrar ao cumprir a coisa que se promete”, e em conseguir atingir as metas que gostaria de propor-se, e assim por diante.⁴²

Portanto, o professor tem papel fundamental no desenvolvimento do aluno. Muitas vezes, ele é a única pessoa que pode conhecer essa criança com um ser dotado de sonhos, desejos e muita vontade de mudar a história de sua existência.

Izabel Galvão concorda que, para o desenvolvimento infantil ocorrer de modo significativo, é preciso tratar a criança com afeto, mas tratar com afeto não significa tratar com beijos, abraços ou procurando agradar, significa que se deve desenvolver técnicas de aproximação como dialogar com esta, conhecer e trabalhar conforme sua realidade, para que não haja indiferença na relação professor-aluno, porque essa indiferença pode ser a falta de afetividade.

Para a autora, num ambiente educacional, ou seja, numa sala de aula onde a afetividade é levada em consideração, provavelmente se formará indivíduos com condições para lidar com seus sentimentos, o que contribuirá para um mundo menos agressivo. É necessário também que haja uma relação de respeito e cumplicidade entre professor e aluno. E isso só será possível se houver autoridade por parte do professor, sem ser confundida com autoritarismo.⁴³

Não se pode compreender autoridade atrelada à obediência, mas à responsabilidade. O professor precisa sentir-se responsável pelo processo de evolução da criança. Se o professor conseguir reconhecer a importância do que seus alunos pensam, ouvir um pouco da história de suas vidas, até as dores que

⁴² SCHIAVONE, Pietro. *Quem pode viver sem afetos?* São Paulo: Loyola, 2009, p.61.

⁴³ GALVÃO, Izabel. *Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. 21 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

trazem de casa, o professor terá autoridade, pois todo ser humano que se sente escutado e acolhido consegue respeitar regras. Portanto, afeto e autoridade são palavras e sentimentos que devem estar sempre presentes na relação professor aluno.

Wallon destaca que é extremamente importante a presença contínua da afetividade nas interações sociais, além da sua influência também contínua nos processos de desenvolvimento cognitivo. Nesse sentido, pode-se pressupor que as interações que ocorrem no contexto escolar também são marcadas pela afetividade em todos os seus aspectos. Pode-se supor que a afetividade se constitui como um fator de grande importância na determinação da natureza das relações que se estabelecem entre o professor e o aluno. Para o autor as interações em sala de aula são constituídas por um conjunto complexo de variadas formas de atuação que se estabelecem entre professor e aluno. Nesse processo de inter-relação, o comportamento do professor, em sala de aula, através de suas intenções, crenças, valores e desejos, afeta cada aluno individualmente.⁴⁴

Paulo Freire, em suas falas, sempre destacou que “não há educação sem amor”. Certamente, ele foi ao âmago de tudo, pois educar sem amor pode resultar em um mero ganha pão, em um simples contar de hora aula ou em uma assinatura de folhas de ponto apenas. Tanto Paulo Freire quanto Henry Wallon destacam que é preciso amor e afetividade no ato de educar. Ainda, é possível afirmar que viver bem exige vontade, alegria, doação, ou seja, exige paixão. E na hora de socializar conhecimentos aos outros é importante fazer isto valer, isto que há de belo dentro de nós, sempre transmitindo conhecimento com afeto.⁴⁵

De acordo com a teoria Walloniana, falar de afeto no ato educacional, mas precisamente na relação entre o professor e o aluno, é falar de como lidar com as emoções, com a disciplina e com a postura do conflito eu – outro. Vale ressaltar que este conflito eu – outro, de acordo com Wallon, ocorre em dois momentos, na infância e na adolescência. Wallon concorda que o conflito se dá com diversas interferências da família, sua primeira comunidade, e da escola (ou qualquer outro ambiente que a criança frequente) em sua vida. Para o adolescente, o conflito dá-se com o estranhamento de si com o mundo que o cerca. Ele descreve que a

⁴⁴ WALLON, H. *Psicologia e educação da infância*. Lisboa: Estampa, 1975.

⁴⁵ FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. São Paulo: Cortez, 1986.

sociedade acaba influenciando no desenvolvimento psíquico do aprendiz e o professor deve estar atento e consciente de sua responsabilidade como educador.⁴⁶

O ambiente da sala de aula, que muitas vezes pode se mostrar frio, severo e hostil à criança, deve ser recolocado, rerepresentado aos mesmos de forma mais amena e amigável. Quando a maioria das tarefas de sala de aula exige que a criança fique parada e estática, com uma atenção direcionada ao que é exposto pelo professor, certamente este local não será um dos mais atraentes à criança. Diante disso, não é difícil, dentro desse clima severo, surgirem hostilidades da criança em relação ao professor e ao ambiente escolar e dentro dessas situações de conflito, facilmente observadas nas escolas, o professor pode fazer toda a diferença.

É preciso que o professor tenha conhecimento do conflito eu – outro na construção da personalidade da criança, se isso ocorrer certamente ele saberá conduzir as relações e receberá esses estímulos mais calmamente, não os tomando como questões pessoais. Portanto, considerando esses pontos discutidos na concepção Walloniana, percebe-se que o relacionamento entre o professor e o educando deve ser de amizade, respeito mútuo e troca de solidariedade, não aceitando de forma alguma um ambiente hostil e opressor que semeie o medo e a raiva no contexto da sala de aula. A prática pedagógica deve ser sempre no intuito de prezar pelo bem-estar do aluno. Quando o educador consegue entender o poder dessa prática e todo o bem que esta trouxer, mais e mais crianças despertarão o interesse pelo aprendizado e tornarão este aprendizado prazeroso, e o professor se tornará notável e inesquecível na vida do aluno e na própria sociedade, deixando suas marcas positivas.

Dessa forma, é preciso que haja diálogo entre professor e aluno, pois este é fator importante para o processo de aprendizagem, visto que forma elos afetivos (confiança, amizade, respeito) entre estes e isso certamente desperta o interesse e a motivação dos mesmos pelo conhecimento. Sendo assim, o ato de educar só terá sucesso se houver uma relação afetiva entre o professor e o aluno, se não for desta forma, a aprendizagem corre sério risco de não ser significativa para o aluno, pois esta é fator primordial na preparação do indivíduo para uma futura vida tanto profissional quanto social e até pessoal.

⁴⁶ WALLON, Henri. *Do ato ao pensamento*. Lisboa: Moraes Editores, 1978.

2.4 A afetividade nas condições de ensino

A pedagogia como ciência da educação tem como objeto de estudo a educação de modo geral, que acontece no processo de ensino-aprendizagem do aluno e na formação de uma consciência crítica reflexiva para uma educação transformadora que incentive o ensino e a pesquisa para produzir novos saberes, novas formas culturais e onde se constrói novos conhecimentos que acontecem através da ação educativa e da ação pedagógica. Nesse sentido, Izolda Lopes concorda que

A ação educativa tem o propósito de inserir os indivíduos no meio culturalmente organizado e oportunizar a aquisição de conhecimentos que faz não só o homem crescer, mas também a sociedade em que ele está inserido.⁴⁷

A ação pedagógica dá uma direção, um rumo às práticas educativas. E a ação educativa vem a ser os aspectos que formam a sociedade para que o sujeito possa se apropriar desses conhecimentos e que possa continuar a produzir novos saberes, formas culturais e novos conhecimentos, o que implica um ponto em comum entre esses dois processos que estão sempre interligados.

Mas para que haja esse envolvimento, é preciso haver sintonia entre professor e aluno, o que ocorre através da confiança estabelecida entre ambos, o que se caracteriza na afetividade. Embora as pesquisas realizadas enfatizando a questão da importância da afetividade nas relações que se estabelecem entre professor e aluno, principalmente através de categorias de análises centradas na postura em conteúdos verbais, é possível supor que a afetividade também se expressa através de outras dimensões do trabalho pedagógico desenvolvido em sala de aula. Na realidade, é possível afirmar que a afetividade está presente em todos os momentos ou etapas do trabalho pedagógico desenvolvido pelo professor, o que extrapola a sua relação cotidiana com o aluno.

Para Wallon, é preciso analisar a questão da afetividade em sala de aula, seja através da interação professor-aluno ou das dimensões do ensino, significando analisar as condições oferecidas para que se estabeleçam os vínculos entre sujeito (aluno) e objeto (conteúdos escolares); ou seja, quando se discute esta temática,

⁴⁷ LOPES, Izolda. *Pedagogia Empresarial: formas e contexto de atuação* (organizadoras), Ana Beatriz Trindade, Maria Alvim Cadinha. 3 ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2009. p.54.

discute-se efetivamente a própria relação sujeito-objeto, em um dos seus aspectos essenciais, o efeito afetivo das experiências vivenciadas pelo aluno, em sala de aula, na relação com os diversos objetos de conhecimento.⁴⁸

Ainda nesse pensamento, a aprendizagem é um processo dinâmico que ocorre a partir de uma ação do sujeito sobre o objeto, porém sempre mediada por elementos culturais, no caso, escolares. Ou seja, a mediação é condição fundamental para o processo de construção do conhecimento pelo aluno. O autor reafirma que a qualidade da mediação determina a qualidade da relação sujeito-objeto. Simultaneamente as condições de mediação também são da natureza essencialmente afetiva, por ser o homem um ser único em que cognição e afetividade se entrelaçam e se fundem em uma unidade. Em suma, entende-se que o ser humano pensa e sente simultaneamente e isto tem inúmeras implicações nas práticas educacionais. Assim, o planejamento educacional, as condições de ensino, a relação professor-aluno deve ser pensada e desenvolvida levando em conta a diversidade dos aspectos envolvidos no processo, ou seja, não se pode restringir a questão do processo de ensino-aprendizagem apenas à dimensão cognitiva, dado que a afetividade também é parte integrante do processo.

Baseado em Wallon, em idade escolar a capacidade de aprendizagem é uma das primeiras a ficar afetada sempre que há uma perturbação emocional da criança. Isso certamente afeta a autoestima que para Wallon é a “capacidade de sentirmos a vida, estando de bem com ela”⁴⁹. Ou seja, é a confiança em nosso modo de pensar e enfrentar os problemas e o direito de ser feliz. Precisamos ter a sensação de que somos merecedores de nossas necessidades, nossos desejos e desfrutar os resultados de nossos esforços. É preciso ter autoconhecimento e autoconfiança.

Diante disso, percebe-se que a escola deve ser um lugar onde cada aluno encontre essa possibilidade, Cunha destaca, “a escola recebe constantemente alunos com baixa autoestima, rejeitados, frustrados, com tantas outras somatizações que os aprisionam, porém, de maneira alguma, podem definir seu futuro”.⁵⁰ No dia a dia, é comum cruzar com pessoas que carregam no semblante um ar de insatisfação

⁴⁸ WALLON. Henri. *As origens do caráter da criança*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1971.

⁴⁹ WALLON. 1971, p. 98.

⁵⁰ CUNHA, Antônio Eugênio. *Afeto e aprendizagem, relação de amorosidade e saber na prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Wak, 2010. p. 69.

e mal-estar. Consequência disso dá-se pela vivência em ambientes conflituosos, ausência de respeito adequado, levando a desenvolver sentimentos e condutas que afetam a autoestima.

Para que a escola favoreça a construção da autoestima positiva, ela precisa criar situações educativas, obedecendo a limites impostos pela vivência coletiva, onde todas as crianças possam ter seus hábitos, ritmos e preferências individuais respeitadas, suas falas ouvidas e compreendidas, possibilitando, assim, o fortalecimento da autoconfiança. Castro argumenta que

Na vivência das relações com seus alunos, os professores expressam seu conhecimento e o seu compromisso com o desenvolvimento social, emocional e cognitivo dos mesmos. Para tanto, precisam conhecer-se melhor, investir no seu aprimoramento interpessoal e intrapessoal, tendo uma visão mais ampla dos seus alunos, não só no que diz respeito ao desenvolvimento cognitivo, mas, antes de tudo, enxergando-o empaticamente como um ser humano integral, dentro de toda a fragilidade que é peculiar aos seres humanos.⁵¹

Nesse aspecto, a autoestima também mantém uma estreita relação com a motivação ou o interesse da criança para aprender. Tendo o afeto, a criança apresenta melhor aprendizagem, mostra motivação e melhor disciplina, o que pode se considerar como conquistas significativas.

A autoestima positiva funciona como elemento essencial na efetivação da aprendizagem, pois todo indivíduo precisa sentir-se capaz de pensar e agir e ver-se como merecedor da felicidade. Nesse processo, o indivíduo tem a capacidade de pensar e enfrentar desafios, o que fica claro que a autoestima tem valor de sobrevivência, visto que é uma poderosa necessidade humana, que contribui, essencialmente, para o processo vital. Uma autoestima negativa interdita o crescimento psicológico.

A pessoa com autoestima saudável não se envergonha de assumir seus erros. É mais provável encontrar simpatia e compaixão em pessoas com autoestima elevada no que nas de baixa autoestima; os relacionamentos com os outros tendem a espelhar e refletir no relacionamento consigo mesmo.

⁵¹ CASTRO, Edileide. *Afetividade e Limites: uma parceria entre a família e a escola*. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2012, p.84.

Portanto, as relações sociais são fundamentais para a consolidação do desenvolvimento da criança. Na escola é fundamental a qualidade das relações interpessoais entre professores e alunos, o que poderá garantir esse desenvolvimento em toda a sua plenitude, pois todas as relações afetivas são propiciadoras de aprendizagem à medida que ajudam na construção do psiquismo do indivíduo.

3 POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS

Saber ouvir o aluno é uma forma de valorizar seu conhecimento, ou seja, uma maneira de iniciar uma relação afetiva entre o professor e o aluno, pois é fato que todas as pessoas têm necessidade de serem ouvidas, de serem escutadas. Quando há essa interação caminha-se na direção de um diálogo franco, aberto, amigável, tendo oportunidade de descobrir o que o aluno quer e até mesmo se estabelecer uma ponte afetiva entre ambos. Diante disso, neste capítulo, serão abordadas algumas possibilidades pedagógicas de como o professor pode trabalhar a afetividade em sala de aula com seus alunos.

Dorothy Briggs ressalta que uma das maiores dificuldades encontradas na sala de aula está relacionada à necessidade que os alunos têm de serem ouvidos, respeitados em suas ideias, seus pensamentos e também como sujeitos construtores de sua própria história. Quando o aluno percebe que não é notado nem tampouco ouvido, logo apresenta comportamento diferenciado a fim de ser percebido e, assim, conseguir atenção do outro, no caso, geralmente do professor.⁵²

O que se tem tornado muito comum nas escolas é encaminhar a criança que apresenta um comportamento 'anormal' ao Serviço de Orientação Educacional (SOE). O orientador, ao ouvir a criança, sabe que seu retorno à sala de aula será diferente, com uma outra postura, pois esta conseguiu ser ouvido e trocou ideias com o outro, tal atitude a faz sentir-se respeitada e valorizada. Vale ressaltar que nem todo comportamento inadequado apresentado pelo aluno deve ser atribuído à baixa autoestima, porém, é fato, em sua maioria esta é a principal causa das dificuldades nos relacionamentos. Daí a necessidade de valorização pessoal de cada indivíduo, pois isso contribui positivamente para o bom desempenho do aluno, quer na vida escolar ou na pessoal.

Vygotsky destaca que, sempre que a criança apresenta alguma dificuldade em aprender, é importante descobrir a causa. Para o autor, a criança, cujas necessidades emocionais não são satisfeitas, tem menos probabilidade de conseguir êxito na escola. “O homem com fome, não tem motivação para

⁵² BRIGGS, Dorothy C. *A autoestima do seu filho*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

aprender”⁵³. Primeiro ele tem que matar a fome para depois se concentrar nos estudos. A criança que está convencida de ser um fracasso tem pouca motivação para tentar e a criança com um acúmulo de repressão não tem muita energia para enfrentar os desafios que a escola impõe, porém os desafios tornam-se interessantes quando se pode enfrentá-los e autoconfiança é o primeiro segredo para o sucesso do aluno.⁵⁴

Briggs afirma que, a partir de suas observações e análises “A causa mais comum do bloqueio ao aprendizado, particularmente em crianças de famílias da classe média, vem da pressão indevida que sofrem para atingir certas metas que estão além de sua capacidade”.⁵⁵

Todavia, o excesso de ambição é recebido pela criança como falta de aceitação. Expectativas muito altas significam decepções grandes. E as decepções prejudicam a autoestima. Elas acabam com a energia psíquica e a criança passa a ter menos interesse e curiosidade. Outro obstáculo ao crescimento intelectual é uma disciplina tolerante, protetora ou rígida demais. Os pais dominadores aumentam a hostilidade, a dependência e a inadequação, pais excessivamente protetores ou pais que se recusam a estabelecer limites nos filhos fazem com que as crianças se sintam incapazes e não amadas. Essas atitudes são extremamente negativas para a autoestima e certamente afetam a motivação para aprender.

Para que a aprendizagem aconteça, é necessário que o aluno se familiarize em um ambiente onde haja afetividade e que esta afetividade seja uma condição necessária para este indivíduo, pois este deve sentir-se seguro, acolhido e protegido por todos que fazem parte do seu processo de aprendizagem, bem como de todos que o compõem, família, comunidade e escola, assim o desenvolvimento tanto afetivo quanto cognitivo deste ocorrerá de forma positiva.

Tem se tornado muito comum alunos agressivos, impulsivos e até mesmo homicidas e, infelizmente, isso recai sobre a discriminação do aluno e sua não adaptação ao ambiente escolar, mas vale ressaltar que a responsabilidade de educar cabe a todos que integram o ambiente escolar. Segundo Freire, o estímulo é prática de atitudes positivas e afetivas motivando os alunos a serem cooperativos e

⁵³ VYGOTSKY, L. S. *O desenvolvimento psicológico na infância*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. De conseguir êxito.

⁵⁴ VYGOTSKY, 1998.

⁵⁵ BRIGGS, 2000, p. 169.

solidários em sala de aula, sendo uma tarefa que cabe ao docente. Freire ainda reforça tal pensamento:

Para que uma educação seja válida, toda ação educativa deverá necessariamente ser precedida de uma reflexão sobre o homem e uma análise profunda do meio de vida concreta daquele que se quer educar, melhor dizendo, daquele que se quer ajudar a se educar. Sem esta reflexão sobre o homem arriscamos a adotar métodos educativos e de agir de tal modo que o homem ficaria reduzido à condição de objeto. Sem a análise do meio cultural e concreto, corremos o risco de realizar uma educação pré fabricada e castradora. Para ser válida, a educação deverá levar em conta que o fator primordial do homem, sua vocação ontológica, é aquela do Ser Sujeito e nas condições em que ele vive; um lugar preciso, em um momento e num certo contexto.⁵⁶

Diante disso, é importante que o professor reafirma aos alunos que estes podem se constituir enquanto grupos, buscando parceria com o professor através do diálogo constituído entre ambos, e assim estes cheguem a um consenso favorável tanto para o professor quanto para o aluno.

Freire destaca que o querer bem não significa a obrigação do querer bem a todos os alunos de forma igualitária, mas, na verdade, que a afetividade não é assustadora, que não é preciso ter medo de expressá-la. Significa essa liberdade ao querer bem o modo de autenticidade em selar o compromisso do professor com os alunos numa prática bem específica do indivíduo. O autor também concorda que não é certo, do ponto de vista democrático, que o professor será tão melhor quanto mais severo, mais distante, colocando-se na relação com seus alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que deva ensinar. A afetividade não deve ser excluída do conhecimento, entretanto não se pode permitir que a afetividade interfira no cumprimento ético do dever do professor e no exercício da sua autoridade. O autor ainda refere que a afetividade não se acha excluída do conhecimento, o que não se pode é permitir que esta interfira no cumprimento ético do dever de professor e no exercício de sua autoridade.⁵⁷

Chalita descreve que em uma sociedade como a que vivemos, que se transforma constantemente e se baseia no consumismo imediato, os pais são pressionados cada vez mais a trabalhar de modo que consigam ao menos o sustento familiar, por esse motivo, a educação dos filhos fica designada à escola

⁵⁶ FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. São Paulo: Cortez, 1986, p. 37.

⁵⁷ FREIRE, 1986.

assumir tanto o papel de transmissora de conhecimento da humanidade como de responsável pela formação moral, afetiva e social da criança, acarretando maior responsabilidade a esta e à comunidade onde a criança está inserida.⁵⁸

O processo de aprendizagem tem que ser permanente e contínuo, este processo deve ser tanto do professor quanto do aluno, pois ambos devem fazer que a educação não se reduza aos meros conteúdos decididos por pessoas distantes das peculiaridades regionais e culturais. Portanto, o desafio de aprender a aprender é enorme, o desafio de formar pessoas aptas a se determinar, a desenvolver a liderança participativa, a aprender a lidar com o sim e com o não sem servir de massa de manobra, com equilíbrio emocional é mais que tarefa, é missão do professor.

3.1 A importância da emoção na aprendizagem

Wallon destaca que a emoção corresponde ao vínculo que ocorre entre os indivíduos através dos gestos, mímicas, olhar e expressão facial, entretanto a relação da criança com o mundo exterior é desde o início movida pelas relações de sociabilidade em que o adulto está inserido. Ele defende que a afetividade é a fonte do conhecimento, pois na medida em que o indivíduo se desenvolve as emoções vão ganhando formas de expressões mais complexas, dando um caráter de modo eminente cognitivo.⁵⁹

A afetividade e a inteligência constituem um par indissociável na evolução psíquica do ser humano, pois ambas têm evolução bem definida e, quando conectadas, permitem à criança níveis de evoluções bem mais elevadas. Diante disso, Vygotsky defende que o pensamento tem origem na esfera da motivação. Nesta esfera estaria a razão íntima do pensamento e assim uma compreensão completa do pensamento humano que só é possível quando se completa a sua base afetiva. Afirmar ainda que o conhecimento do mundo objetivo ocorre quando o indivíduo deseja que os interesses e as motivações se aliem à percepções,

⁵⁸ CHALITA, Gabriel. *Educação: a solução está no afeto*. São Paulo: Gente, 2001.

⁵⁹ WALLON, 1968.

memória, pensamento, imaginação e vontade em uma atividade contida entre os envolvidos no processo.⁶⁰

Wallon enfatiza que a emoção indica os primeiros sinais de vida psíquica na conduta infantil. É através dela que se estabelecem as primeiras trocas da criança com o mundo exterior, não com o mundo dos objetos físicos, mas sim com o das pessoas de que a criança depende para a satisfação de suas necessidades vitais. Cabe à emoção o papel de unir os indivíduos entre si, pelas suas reações mais orgânicas e mais íntimas. Assim a influência afetiva no meio humano tem ação decisiva sobre a vida psíquica da criança que se organiza através do contato do outro.⁶¹

Diante de tal pensamento, vale ressaltar que é preciso o professor pensar no aluno como agente de transformação, sendo este capaz de transformar o meio em que está inserido, modificando o seu próprio espaço natural. O aluno não deve ser passivo, mas ativo, pois este é capaz de pensar, e pensando é capaz de agir e ao agir pode modificar o ambiente de que faz parte, ou seja, onde está inserido. Nesse sentido, é papel da escola cumprir seu compromisso enquanto instituição social, pois este é o melhor caminho para uma permanente renovação do ser humano.

É preciso que a escola também busque inovações em suas propostas pedagógicas com o objetivo de se adequar às necessidades do educando. Uma vez que esta representa sempre um lugar de socialização, com objetivo de preparar o indivíduo para a vida em permanente processo de construção. Por conseguinte, deve haver interesse governamental em preparar a escola para desenvolver um trabalho onde o foco esteja voltado para o próprio universo da criança, tanto cultural como pessoal. Por isso, são pertinentes as contribuições de Wallon trazidas por Dantas quando afirma que

A escola comete erros porque desconhece as características do funcionamento da mente humana em suas fases de desenvolvimento; erra por não conhecer conteúdos culturais que possa contextualizar concretamente, e erra, ainda, por desconhecer as histórias de vida de cada um.⁶²

⁶⁰ VYGOSTY, L. S. *O desenvolvimento psicológico na infância*. São Paulo: Martins Fonte, 1993.

⁶¹ WALLON, 1968.

⁶² DANTAS, 1993, p.86.

Portanto, a escola, além de conhecer o universo cultural da criança, precisa acreditar que tal situação deve ser indispensável, pois agindo e aderindo a esta iniciativa traça caminhos possíveis para a solução ou pelo menos para a compreensão dos problemas educacionais trazidos pela criança de seu ambiente familiar e assim estará contribuindo significativamente para o desenvolvimento da personalidade da criança.

A partir do momento em que a criança entra na escola, seu desenvolvimento infantil adquire um novo rumo, uma nova direção. A criança deixa o seio familiar para introduzir-se num novo ambiente. Ela passa a frequentar não somente por meio familiar, mas também o meio escolar, novas pessoas passam a fazer parte de sua vida e isso expõe a criança a fazer parte de um novo meio e é nesse novo ambiente que ela vai adquirir novos amigos, conviver em grupo, obedecer aos horários, respeitar regras estabelecidas, tendo sua vida totalmente administrada em função da escola.

3.2 A pessoa do professor com a criança

Como professor, compreender que lidar com pessoas que atuam sempre a partir de suas disposições motoras e humorais, além das cognitivas, pode levar a acolher as manifestações motoras e afetivas dos alunos, mais do que como indicadores do andamento do processo de ensino-aprendizagem, como elementos constitutivos, participantes do processo.

Entender afetividade e ato motor como constitutivos da aprendizagem, tanto quanto o conhecimento, significa considerar a pessoa do aluno; acolher a afetividade, sentimentos e emoções manifestos e latentes; reconhecer a necessidade de movimento e as manifestações corpóreas dos sentimentos e emoções como atitudes provocadas e mobilizadas pelo processo de ensino-aprendizagem; e, a partir daí, considerar a possibilidade de canalizá-los a fim de colaborarem na construção do conhecimento, na aprendizagem.⁶³

A autora alerta para a importância do papel do professor diante da crises emocionais das crianças, que, apesar de precisarem ser compreendidas como naturais devido ao estágio de desenvolvimento precoce de seus recursos de

⁶³ PRANDINI, 2004, p.5-68.

controle, não podem se transformar em forma habitual de relacionar-se com o ambiente. No adulto, as funções ligadas ao domínio do conhecimento devem preponderar sobre as do domínio da afetividade, embora a afetividade seja capaz de preponderar sobre a razão em algumas circunstâncias em que a ela faltem recursos de controle. Integração funcional significa a interferência de uma função sobre a outra, sempre e de qualquer forma: colaborativa ou concorrente, podendo cada função submeter-se, competir, preponderar, colaborar ou bloquear as outras postas em jogo na atividade.⁶⁴

Perante tal informação, supõe-se que é importante para o professor, reconhecer o princípio da integração funcional que implicam reconhecer que não se trabalha nunca apenas com funções e conteúdos puramente cognitivos, mas há sempre participação de condições orgânicas e afetivas que colaboram ou se opõem ao processo de aprendizagem. Cabe a ele reconhecer as condições de seus alunos, em especial seus afetos, seus desejos, a fim de procurar canalizá-los para que colaborem na produção de conhecimento.

Segundo Wallon, as pessoas devem ser vistas sempre no grupo de que são parte, pois a estrutura do grupo desencadeia as reações individuais e vice-versa. O indivíduo assume um determinado papel e um tipo de comportamento em cada grupo de que participa, suas reações são complementares ao meio e suas atitudes mudam de acordo com as várias situações. A compreensão da integração indivíduo-meio deve levar o professor a avaliar a conduta de seus alunos não apenas como indivíduos, mas como membros de um grupo no qual estão em jogo tanto as características individuais como as do grupo e as relações que se estabelecem.⁶⁵

Outro aspecto ao qual o professor deve estar atento é a construção, pela criança, de seu espaço mental, construção necessária ao jogo normal das representações. Na origem do pensamento está o movimento e, à medida que o pensamento evolui, liberta-se do movimento. O movimento de seu corpo no espaço, que possibilitará à criança as condições necessárias para o desenvolvimento da percepção do espaço. Reconhecer que as crianças têm uma grande necessidade de movimento e que a evolução das funções do domínio do conhecimento se dá a partir

⁶⁴ PRANDINI, 2004.

⁶⁵ WALLON, 1975.

do movimento leva o professor a compreender que a criança imobilizada enfrenta condições adversas ao processo de aprendizagem.

No processo de aprendizagem, todas as funções estão sempre implicadas, mesmo que aparentemente apenas a função preponderante esteja em exercício. Outro aspecto que o professor deve também reconhecer é que a aprendizagem depende, em grande parte, das condições maturacionais e necessidades e condições orgânicas, estruturais e funcionais dos alunos. O desenvolvimento da criança dá-se de acordo com os estágios específicos determinados pela constituição orgânica da espécie, que em cada um desses estágios oferece possibilidades e limitações específicas de aprendizagem.⁶⁶

Assim cabe ao professor identificar o estágio de desenvolvimento em que seus alunos se encontram e saber o que é possível ensinar a eles nesse momento, que funções podem ser desenvolvidas, assim como conhecer suas condições de existência para que consiga, com base nelas, tornar familiar o estranho, a partir de aproximação que permita às crianças atribuir significados ao conteúdo a ser estudado, baseando-se em sua vida cotidiana. Compreender como se dá o desenvolvimento das funções do domínio do conhecimento e o papel do movimento e da afetividade para sabermos canalizá-las a favor do processo de aprendizagem é essencial para o desenvolvimento da atividade docente.

3.3 Contribuições ao ato de educar

A aprendizagem é um ato individual que pressupõe um desejo interno e real onde ela se dá através da interação com o outro. Diante dos avanços tecnológicos discute-se muito sobre a importância da figura do professor, como se o uso de tecnologias pudesse substituir esse profissional.

Freire defende a importância da problematização para que os conteúdos sejam significativos, pois, para ele, o que importa como conteúdo das conversas educativas é que estas são experiências humanas e que as mesmas ocorrem nos seus produtos e formas de produzi-las, pois educar é um ato de amor e quanto mais

⁶⁶ PRANDINI, 2004.

nova, ou menos idade a criança tiver, maior será a necessidade de envolvimento do professor na situação com a criança.⁶⁷

As crianças veem na figura do professor uma extensão de suas casas com segurança e padrão, ou seja, ele é o porto seguro a elas enquanto estão na escola. Isto significa que ao professor é permitido fazer uso das tecnologias disponíveis, pois estas servem como grande contribuição ao ato educativo, porém é preciso lembrar que nenhuma tecnologia substitui o carinho, o afeto, a atenção de que a criança necessita e o professor deve ter essa compreensão de que as crianças estão ali e necessitam do olhar mais direcionado deste profissional, sendo que as possibilidades de socialização e interação serão mais benéficas e produtivas.

Ainda na visão de Freire, o ato de educar é um dos mais delicados em termos psicológicos. É o professor que em última instância controla o processo produtivo da criança, possuindo ampla liberdade de ação, de coração e sequenciação das atividades, pois todo trabalho depende de um envolvimento afetivo por parte do profissional. No caso do professor, a relação afetiva é quase que obrigatória para o exercício do seu trabalho, não deixando de lado a realidade de que, enquanto seres humanos, os professores possam ter dificuldades para estabelecer relações afetivas com todos os seus alunos, até porque essas interferências foram desenvolvidas ao longo de sua educação pessoal e profissional.⁶⁸

Vale refletir que o bom senso do professor é necessário, pois prevalece o respeito e a utilização das técnicas de aprendizagem, contudo é importante ressaltar que é mediante o estabelecimento de vínculos afetivos entre professores e alunos que ocorre o processo de ensino e aprendizagem de forma significativa e prazerosa.

Estudiosos da atualidade, como Cury, concordam que, para se ter um bom aprendizado em sala de aula, é preciso que os professores não sejam meros transmissores de conteúdos e conhecimento. O autor vai além e descreve que o professor não basta ter uma boa formação acadêmica para transmitir com segurança e inteligência as informações em sala de aula, mas deve ser construtor da emoção do aluno, procurando conhecer o funcionamento da mente deste para educar melhor, levando em consideração que cada aluno não é mais um número na

⁶⁷ FREIRE, 1986.

⁶⁸ FREIRE, 1986

sala de aula, mas um ser humano complexo, com suas peculiaridades. Cury ainda reforça:

Educadores são escultores da emoção. Eduquem olhando nos olhos, eduquem com gestos; eles falam tanto quanto as palavras. Sentar em forma de **U** ou em círculo aquieta o pensamento, melhora a concentração, diminui a ansiedade dos alunos. O clima da classe fica agradável e a interação social dá um salto.⁶⁹

Esta ação proposta pelo autor vem contribuir no sentido de que os alunos desenvolvam a concentração e a atenção, favorecendo o processo de ensino e aprendizagem, uma vez que o ambiente da sala de aula se torna mais agradável e propício ao conhecimento.

Cury destaca também que é preciso que o professor elogie o aluno antes de criticar, porque assim estará educando a emoção e a autoestima, além de estar promovendo a solidariedade, resolvendo conflitos em sala de aula e trabalhando perdas e frustrações. O autor ainda frisa que elogiar para depois criticar ajuda o aluno que falhou, agrediu ou teve reações inadmissíveis, pois o elogio estimula o prazer e o prazer abre janelas da memória. Momentos depois o professor pode criticar e levá-lo a refletir sobre sua falha. “Criticar sem antes elogiar obstrui a inteligência, leva o jovem a reagir por instinto, como um animal ameaçado.” O ser humano mais agressivo derrete-se diante de um elogio e assim fica desarmado pare ser ajudado.⁷⁰

Cury ainda reforça que o elogio deve ser para todos: tímidos, obesos, discriminados, hiperativos, difíceis, agressivos. É necessário que o professor encoraje aqueles de quem os outros zombam e os que se sentem diminuídos, portanto, “ser educador é ser promotor de autoestima.”⁷¹

O professor deve ensinar os alunos com palavras e, sobretudo, atitudes, a amar a espécie humana independentemente de cor, raça, religião e classe social, pois todos fazem parte de uma espécie fascinante. Cury conclui esse pensamento destacando que “nos bastidores da nossa inteligência somos mais iguais do que

⁶⁹ CURY, Augusto Jorge. *Pais brilhantes, professores fascinantes*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003, p.125.

⁷⁰ CURY, 2003, p.144.

⁷¹ CURY, 2003, p.145.

imaginamos. Elogie a vida. Leve os jovens a sonhar. Se eles deixarem de acreditar na vida, não haverá futuro.”⁷²

Chalita concorda que, para haver afetividade, do professor para com o aluno, é preciso que ambos sintam afeto, vivam o afeto. Para ele ninguém dá o que não tem. Portanto, o educador deve transbordar afeto, cumplicidade e participação no sucesso, na conquista de seu aluno. O professor deve ser o referencial, o líder, o interventor seguro, capaz de auxiliar o aluno em seus sonhos, em seus projetos. Ao professor não basta ser o conhecedor somente da sua área de formação, mas entender a psicologia, a linguagem, a sexualidade, a infância, a adolescência, o sonho, o afeto, a ética, a política, o amor, a família e outros para que este conduza o aluno em seu processo de formação social e pessoal.

Para que um professor desempenhe com maestria a aula na matéria de sua especialidade, ele precisa conhecer as demais matérias, os temas transversais que devem perpassar todas elas e, acima de tudo conhecer o aluno. Tudo o que diz respeito ao aluno deve ser de interesse do professor. Ninguém ama o que não conhece, e o aluno precisa ser amado! E o professor é capaz de fazer isso. Para quem teve uma formação rígida, é difícil expressar os sentimentos; há pessoas que não conseguem elogiar, que não conseguem abraçar, que não conseguem sorrir. O professor tem que quebrar essas barreiras e trabalhar suas limitações e as dos alunos.⁷³

Diante de tal contexto, se o professor desenvolver tais habilidades e atitudes na sala de aula, este poderá estar contribuindo para a formação integral do aluno, pois é importante que os alunos recebam carinho e amor do professor. Portanto, as relações de mediação feitas pelo professor durante as intervenções pedagógicas devem ser sempre permeadas por sentimentos de acolhimento, simpatia, respeito e apreciação, além de compreensão, aceitação e valorização do aluno, tais sentimentos não só marcam a relação do aluno.

⁷² CURY, 2003, p.146.

⁷³ CHALITA, Gabriel. *Educação: a solução está no afeto*. São Paulo: Gente, 2001.

CONCLUSÃO

A afetividade foi um dos temas principais que Henry Wallon se dedicou a estudar, adotando uma abordagem fundamental e social do ser humano. Em suas pesquisas, buscava compreender a base orgânica e cerebral das funções psíquicas que investigava. Interessava a ele saber onde se localizavam na mente material, no cérebro, funções tais como a memória, a afetividade, o comportamento social. Nesse sentido, o principal tema desta pesquisa foi a afetividade como artifício facilitador do processo de ensino e aprendizagem. O ser humano é organicamente social, somos sujeito a partir do outro, pela mediação do outro, ou seja, a partir da linguagem, que se coloca entre nós e o mundo, para organizar a nossa relação com ele. É na relação com a fala e movimentos dos adultos que a criança vai entendendo quem é ela e quem é o outro. O ato motor, o deslocamento do corpo no espaço com cada vez mais desenvoltura e segurança, gera o ato mental. A influência do principal autor desta pesquisa no processo de desenvolvimento da aprendizagem da criança permite concluir esta com algumas considerações e contribuições ao ato de educar a partir de uma relação afetiva educativa entre professor e aluno.

Dentre as considerações, pode-se destacar que a afetividade, juntamente com a autoestima, constitui um conjunto inseparável no processo de desenvolvimento do indivíduo. Ambos têm funções bastante definidas e, quando se integram, permitem à criança o alcance de níveis de pensamento cada vez mais elevados e a constituição da sua pessoa, que expressa a sua forma de ser única no mundo.

A afetividade torna-se como uma ferramenta importante para a transmissão de valores para as crianças, ensinando-as a conviverem pacificamente na sociedade, contribuindo para o seu processo de ensino e aprendizagem. Esta é uma prática que sugere uma transformação pessoal e coletiva, que não pode ser trabalhada individualmente, pois é interdisciplinar e facilita a compreensão do outro e a construção das relações interpessoais. A prática da afetividade como artifício facilitador no processo educativo desenvolve vínculos afetivos, mudanças de valores, a oralidade e a escrita e melhora o relacionamento entre professores e alunos.

No ambiente escolar, um bom ajustamento afetivo torna-se condição necessária ao pleno desenvolvimento do aluno. Para que este se torne um ambiente favorável à aprendizagem do aluno, precisa estar organizado para propiciar uma educação que favoreça o crescimento do aluno como pessoa completa, ou seja, um ser pensante, emotivo, flexível, mas com equilíbrio.

Outro ponto que merece ser destacado é que as relações afetivas interpessoais entre professores e alunos são extremamente importantes. O desenvolvimento da criança ocorre necessariamente por meio das interações sociais que esta mantém com os outros e com os objetos do conhecimento. No ambiente escolar, as experiências favorecem aos alunos vivenciarem relações interpessoais que serão constituídas por suas subjetividades, ou seja, seus modos de ser, sentir e agir no ambiente em que estão inseridos. No entanto, o sucesso dessa construção vai depender basicamente da qualidade dessas relações em que vivem.

As propostas de como se trabalhar a afetividade em sala de aula baseiam-se nas relações de harmonia e paz, na compreensão e no respeito entre professor e aluno, uma vez que ambos são os protagonistas desse processo, no intuito de promoverem uma educação diferenciada que extrapole os limites da sala de aula e possibilite um educar voltado para vida.

Esta pesquisa apresentou argumentos sobre a importância do professor em desempenhar o papel de mediador no processo educativo e na aquisição tanto da cultura quanto do conhecimento pelo aluno. Isso remete ao pensamento de que a ação do professor precisa ser pautada no conhecimento do processo de evolução da criança, seja ele psicológico ou afetivo. Dessa forma, será possível o professor criar meios para a promoção da autoestima, tornando-o mais comprometido e feliz no seu processo educativo.

Para os autores que embasaram a construção da pesquisa, foi convincente que o ato afetivo no processo de ensino e aprendizagem realizado no ambiente escolar contribui consideravelmente para as relações positivas entre todos os envolvidos no processo, por entender que a história de vida do ser humano se constrói por momentos afetivos que se estabelecem não só quando criança, mas que se estende por toda sua vida. É importante destacar que os autores não definem com as mesmas palavras, mas suas ideias se compatibilizam ao se tratar da afetividade como eixo fundamental para o bom relacionamento entre os seres humanos e um aprendizado significativo e de qualidade entre o professor e o aluno.

Ao final dessa trajetória, atesta-se que a relação com o outro e o desenvolvimento de vínculos afetivos tanto quanto a promoção da autoestima são necessários e fundamentais para ampliar a capacidade cognitiva da criança e do indivíduo de forma geral. Além disso, é possível concluir ainda que a afetividade é base essencial e deve fazer-se presente em todas as etapas do processo educativo, pelo fato do professor ser o responsável pela consolidação de uma relação de ensino e aprendizagem saudável. Portanto, torna-se imprescindível a inclusão do afeto na construção da personalidade autônoma do aluno para que este atue como sujeito de si mesmo. As reflexões trazidas nesta pesquisa devem ser ressignificadas e continuadas à luz das experiências individuais e pessoais.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso. *A linguagem do afeto: como ensinar virtudes e transmitir valores*. Campinas, SP: Papirus, 2005.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancrin. São Paulo: Paulus, 1991. Edição Pastoral.
- BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 1996.
- BRIGGS, Dorothy C. *A autoestima do seu filho*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- CASTRO, Edileide. *Afetividade e Limites: uma parceria entre a família e a escola*. 4. ed. Rio de Janeiro: Walk, 2012.
- CHALITA, Gabriel. *Educação: a solução está no afeto*. São Paulo: Gente, 2001.
- CUNHA, Antônio Eugênio. *Afeto e aprendizagem, relação de amorosidade e saber na prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Wak, 2010.
- CURY, Augusto Jorge. *Pais brilhantes, professores fascinantes*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- DANTAS, Heloysa. *A infância da razão: uma introdução à psicologia da inteligência de Henry Wallon*. São Paulo: Manole, 1993.
- DELORS, Jacques. *Educação um tesouro a descobrir*. 4ed. São Paulo: Cortez; Brasília – DF; MEC; UNESCO. (2000)
- FERREIRA, Aurélio. *Mini século XXI: o minidicionário da língua portuguesa*. 4ed. rev. Ampliada. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2001.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. São Paulo: Cortez, 1986.
- GALVÃO, Izabel. *Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. 21 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- HAYDT, Regina Célia Casaux. *Curso de didática geral*. 7ed. São Paulo: Ática, 2006.
- LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992.
- LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL, 20 de dezembro de 1996.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e pedagogos, para quê?* 2ed. São Paulo, Cortez, 2001.

LOPES, Izolda. *Pedagogia Empresarial: formas e contexto de atuação* (organizadoras), Ana Beatriz Trindade, Maria Alvim Cadinha. 3ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2009.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Henri Wallon*. Fundação Joaquim Nabuco/ FNDE, 2010.

PRANDINI, Regina Célia Almeida Rego. *A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon*. In: MSHONEY, A. A (org.). *A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon*. São Paulo: Loyola, 2004.

QUEIROZ, Daniela Moura. *A dimensão pedagógica da religião: da pedagogia de Jesus à pedagogia cristã em tempos de sociedade secularizada*. 2009.p.12.

REBLIN, Iuri Andréas. *Outros cheiros, outros sabores...: o pensamento teológico de Rubem Alves*. 2. ed. rev. atual. São Leopoldo: Oikos, 2014.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. *Pedagogia afetiva*. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

SCHIAVONE, Pietro. *Quem pode viver sem afetos?* São Paulo: Loyola, 2009.p.61

VYGOSTY, L. S. *O desenvolvimento psicológico na infância*. São Paulo: Martins Fonte, 1993.

_____. *O desenvolvimento psicológico na infância*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALLON, Henri. *A evolução psicológica da criança*. Lisboa: Edições 70, 1968.

_____. *Psicologia e educação da infância*. Lisboa: Estampa, 1975.

_____. *As origens do caráter da criança*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1971.

_____. *Do ato ao pensamento*. Lisboa: Moraes editores, 1978.

_____. *Psicologia e educação da criança*. Lisboa: Editorial Veja, 1979.